



## A partir de Greimas: formação, atuação e pesquisa em semiótica

Silvia Maria de Sousa\*

**Resumo:** Como parte das homenagens pelo centenário de nascimento de Algirdas Julien Greimas, o texto retoma um percurso de formação, atuação e pesquisa em semiótica. Busca-se compreender as consequências dessa tomada de posição na constituição de um perfil de pesquisador. A exposição desse percurso, feita de um ponto de vista em que escolhas e acasos são revisitados, é acompanhada por uma reflexão sobre a teoria e sobre um modo de conceber os *Estudos de Linguagem*

**Palavras-chave:** Greimas, semiótica, percurso, projeto teórico

Pergunta-se Landowski, em 2007, por ocasião do colóquio “*En quête de Greimas*”, realizado em Vilnius, Lituânia: “Qual tipo de elo é esse que nos vincula uns e outros a esta ‘tradição’ que para nós se tornou a teoria da semiótica de Greimas?” (Landowski, 2017, p. 13). Passados onze anos do colóquio, aos quais se somam mais 15 desde a morte de Greimas, parto da questão posta por Landowski, a fim de buscar compreender a natureza do “elo” que faria de um professor-pesquisador brasileiro um greimasiano, neste Brasil em 2018.

Como possíveis respostas à pergunta que lançou, Landowski, amigo e discípulo de Greimas, acrescenta ainda duas outras indagações: “1) seria simplesmente fé na validade de um método de pesquisa?”, ou trata-se de “2) um interesse razoado e crítico diante de um corpo de proposições, de conceitos, de hipóteses, de intuições que, por permanecer aberto e precisar ser prolongado, nos incita e ao mesmo tempo nos ajuda a inventar nosso próprio caminho em busca do sentido?” (Landowski, 2017, p. 15).

Na reflexão aqui empreendida, inspirada pela ideia da homenagem e, por isso, desautorizada de um compromisso eminentemente teórico, utilizarei essas questões como ponto de partida para organizar por meio de meu próprio percurso de formação, atuação e pesquisa em semiótica, que elementos direcionam o professor-pesquisador aos estudos da linguagem e, em especial, da teoria semiótica. Ao mesmo tempo que revisito lembranças e tento dar a elas uma organização, bus-

carei compreender, por meio das balizas teóricas da semiótica, as consequências dessa tomada de posição no âmbito acadêmico-científico.

O percurso (nunca acabado) “em busca do sentido” foi trilhado por Greimas com obsessão e minúcia e serve como exemplo para nós, os que nos consideramos greimasianos, sustentando essa posição teórica. Atribuir à atividade de linguagem um sentido e perseguir o processo de significação é tarefa que seduz o semiotista, acostumado a tomar a desconfiança como espécie de mola mestra metodológica. Ao assumir que operamos sobre o parecer das coisas e não tememos a “tela do parecer” (Greimas, 2002, p. 74), sempre imperfeita, colocamo-nos, confortavelmente, entre verdades e mentiras e julgamo-nos bons jogadores do jogo das simulações, dos simulacros. A esse respeito, considera Greimas (1975, p. 13) que, “para o estudioso de semiótica, por um lado preocupado com o uso ideológico que se faz do objeto de suas pesquisas, por outro lado satisfeito de constatar que pelo menos elas servem para alguma coisa, mentira e verdade são um todo”.

A ideia de totalidade marca os objetos construídos para fazer sentido, exteriorizando sempre um pretenso dizer-verdadeiro. Esses objetos, totalidades significantes, são tomados como textos. Cabe à semiótica explicar “o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz”, para retomar aqui a formulação de Diana Barros (1990, p. 7), bem conhecida no Brasil.

\* Docente do Departamento de Ciências da Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF) e Jovem Cientista do Nosso Estado pela FAPERJ (2016-2019). É vice-líder do grupo de pesquisa Semiótica e Discurso (SEDi) e foi, até agosto de 2017, membro da diretoria da Associação Brasileira de Estudos Semióticos (ABES). Endereço para correspondência: { silviamaria05@gmail.com }.

Acreditamo-nos greimasianos, falamos desse lugar e nele nos colocamos diante de alunos, colegas de instituição, agências de fomento. Um dos sentidos que Greimas, no *Dicionário de Semiótica*, dá ao termo “teoria” é “[...] uma linguagem construída de tipo particular” (Greimas; Courtés, 2008, p. 499). Entre tantas linguagens desenvolvidas e ensinadas nas escolas de Letras, como nos deparamos justamente com a semiótica de linha francesa? E por que, mesmo passado o encantamento do encontro, insistimos em prosseguir? Greimas, em vários momentos de sua obra, refere-se ao curso da vida como tensão entre continuidades e descontinuidades, fraturas e escapatórias. Viver é antes de tudo persistir. Isso seria questão de fé?

Abusando, confessadamente, do motivo da homenagem, a fim de verificar de que modo a persistência marca um modo de ser na teoria, retorno ao meu percurso formativo na semiótica. Com alguma graça, costume dizer entre os amigos que pertencço à Escola Fluminense de Semiótica, ensinada e divulgada na Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói (RJ). Cheguei à semiótica em 1997, ao cursar uma disciplina optativa, ministrada pela professora de Linguística da UFF, Lucia Teixeira. Antes de mim, outras bolsistas já faziam pesquisa há poucos anos e cursos de Pós-graduação com a professora, à época, recém-chegada do Doutorado na USP, berço inicial da teoria no Brasil. Integrei-me rápido à turma e em pouco tempo, passei a participar dos ateliês de Semiótica do Centro de Pesquisas Sociosemióticas (CPS) da PUC-SP e de vários congressos, sempre apresentando análises semióticas.

O gosto pela análise, pelo rigor e funcionalidade do método começou a ser cultivado, e, nesse momento, em paralelo às primeiras noções do Percurso Gerativo de Sentido, a orientação recebida conduziu-nos a leituras de Floch e Landowski. Mais precisamente, o meu “percurso em busca do sentido” direcionou-se para reflexões sobre as categorias plásticas e visuais e para a ideia do sentido em ato. Acredito que, no percurso de formação de um estudante-pesquisador, andam lado a lado as leituras teóricas que conduzem à formação de um repertório teórico, bem como os modelos de análise com os quais tem contato. Observar o encaminhamento de uma análise modelar conduz o estudante a aprender, ele mesmo, a analisar. Com Floch, aprendi a definir o percurso como “uma representação dinâmica” da produção de sentido (2001, p. 15) e a reconhecer, no quadrado semiótico, não um “truque infalível”, mas um construto que serviria ao menos de “herança científica”, já que oferece “as condições minimais de um discurso” (2001, p. 19 e 21) ou como a Lucia Teixeira agrada dizer em suas aulas: “com Floch, aprendemos a ver no quadrado “uma pequena dramaturgia” (Floch, 1990, p. 27)”.

Compreender as condições que sustentam a geração dos sentidos e mapeá-las visualmente, ao menos na

época, era uma espécie de emblema greimasiano, com todas as implicações desse modo de proceder. Se hoje não desenhamos mais tantos quadrados, ainda assim a ideia de representação das categorias gerais que sustentam a significação, entendidas como componentes de uma gradação, compõem o nosso jeito de olhar os objetos e o mundo que nos cerca: horizontalidade e verticalidade, natureza e cultura, expressão e conteúdo, centro e periferia, englobante e englobado, intensidade e extensidade, parada e continuidade, temas e figuras são termos que compõem o vocabulário dos semioticistas, ajudando-nos a compreender a esfera do sentido como conjunto de relações, marcadas por passagens e transformações. Nas palavras de Greimas, em *Semântica Estrutural* (1976, p. 28): “Percebemos diferenças e, graças a essa percepção, o mundo ‘toma forma’ diante de nós, e para nós”.

Retornando ao meu percurso na teoria, percebo que não havia me dado conta, antes de organizar esse texto, que o contato com Landowski, não por acaso aqui evocado para inciar minha reflexão, foi o mais próximo que estive de uma linhagem puramente greimasiana. No meu primeiro ano do Mestrado, Landowski debateu um trabalho meu, feito em coautoria com Karla Faria, em que nos esforçávamos para compreender a ideia de contágio, a partir da análise de uma pintura de Tarsila do Amaral. Landowski levou para o encontro nosso texto lido e repleto de anotações e comentava, com um português quase ininteligível, nossa frágil e incipiente análise. Assim, à época, o esforço para compreender as observações de Landowski deu-se tanto em relação ao conteúdo quanto à expressão. Reconheço o quanto foi importante passar por essa espécie de iniciação na teoria, através de um necessário encontro “assimétrico”, como deve ser, com um Destinator.

Sabemos que, em semiótica, o Destinator é “aquele que comunica ao Destinatário-sujeito [...] o conjunto dos valores em jogo” (Greimas; Courtés, 2008, p.132). Esse papel é bem representado pelas autoridades de uma teoria, ou as que julgamos como autoridades, e se concretiza, inicialmente, na figura do professor, do orientador, dos pesquisadores mais experimentados, dos pioneiros e líderes de uma teoria. Qualquer formação teórica passa por essa destinação e, em semiótica, isso fica latente.

Fazemos a nossa semiótica de cá com os olhos na França, que é o Destinator primeiro do nosso fazer. Esse modo de proceder pode e deve ser repensado, mas o que vivi e vi até hoje autorizam-me, seguramente, a fazer essa afirmação. Aliás, essa destinação da Europa e dos Estados Unidos nas pesquisas brasileiras não é específica da semiótica. De outro lado, pesquisadores como Fiorin e Diana, alguns dos primeiros navegantes da teoria no Brasil, deixaram como marca, para usar expressão de Lopes e Bevidas (2012), “gestos misturadores”, que deram à semiótica brasileira a licença

para manter um diálogo com outros campos, como a Análise da Conversação, a História das Ideias Linguísticas, a Análise do Discurso e para se relacionar bem de perto com as postulações de Bakhtin, entre outros. Além disso, o lugar político e acadêmico que esses semióticos souberam ocupar sedimentou a semiótica feita em solo brasileiro no terreno da Linguística.

Nós, os greimasianos, nutrimos o gosto pelas minúcias, pelo funcionamento dos sistemas significantes e isso, a nosso ver, precisa ser explicado por meio de uma metalinguagem adequada. Os Destinatadores, semióticos mais experientes explicam aos mais novos que fazer semiótica não é questão de crença, como provocara Landowski em suas perguntas aqui retomadas, mas de adesão a certas premissas teóricas, como deixa clara a passagem de Teixeira (2014, p. 245), a seguir:

Na adesão, não há aceitação, mas acordo, não há verdade, mas possibilidades que se oferecem, dentre as quais se escolhe uma, a partir de determinada análise. Essa diferença é fundamental e serve aqui para afirmar que o trabalho de pesquisa e suas aplicações origina-se na filiação, na adesão a alguma teoria e que sem a densidade de uma teoria bem assimilada e bem compreendida não há análise de texto ou de discurso que se sustente. Serve também para afastar a passionalidade tantas vezes revelada nas escolhas acadêmicas. Apaixonar-se pela semiótica não é tão boa garantia de fazê-la bem quanto estudar com profundidade suas formulações conceituais.

O rigor formal, imputado à semiótica, serve como atributo de manipulação, que ora intimida, ora provoca os jovens aprendizes. Ao ministrar cursos de Graduação e Pós-Graduação, tenho visto o afastamento de alunos inicialmente animados, mas que não se realizam como sujeitos do percurso “em busca do sentido”, não apreendem a metalinguagem, queixam-se e, por fim, abandonam a teoria. Do mesmo modo, é comum perceber a euforia dos que se engajam na aventura do sentido, regozijam-se com a leitura analítica em níveis, com as distinções pertinentes, e com as densas análises modelares convincentes.

Em meu percurso de formação, tínhamos como exercício anual a participação no Centro de Pesquisas Sociosemióticas (CPS), da PUC-SP, apresentando trabalhos e fazendo leituras críticas de outras pesquisas. Para estar ali, a preparação era grande: trabalhos em grupo, leituras, visitas ao Museu Nacional, transcrição de críticas originais a partir de microfilmes na Biblioteca Nacional. No CPS, presenciamos muitos debates e embates, que caracterizam teórica e politicamente a vida acadêmica. Esses debates se tonificam, a meu ver, em uma teoria que herda de Hjelmslev o compromisso com uma descrição adequada, não contraditória e imanente, ao mesmo tempo que se ocupa do funcionamento social engendrado na e pela linguagem. Para esse linguista, “pouco lido e muito criticado” (Fiorin, 2003, p. 20), a análise depende de um sistema de definições. Esse sistema, rigoroso e formal, levaria a

Linguística “a reconhecer não apenas o sistema linguístico em seu esquema e uso, em sua totalidade, assim como em seus detalhes, mas também o homem e a sociedade humana presentes na linguagem e, através dela, a atingir o domínio do saber humano em sua totalidade (Hjelmslev, 1975, p. 133).

Greimas leva a cabo o projeto hjelmsleviano, ampliando o alcance de suas formulações teóricas ao estabelecer o texto como objeto da semiótica narrativa. Ignácio Assis Silva (1995) referia-se a uma espécie de “sonho” da teoria em organizar toda uma estrutura das bases figurativas e, com isso, traçar o “arcabouço organizador do imaginário humano” (p. 30). Para isso, caberia ao analista:

Trabalhar no sentido de ver como é que essa estruturação funciona, atua na camada profunda, organizando o substrato figurativo a partir do qual o texto entrama, molda, enforma o tema ou temas que o discurso põe em andamento. Na impossibilidade de tentar o macrouniverso (o imaginário humano), contentar-se com o microuniverso em que ele se espelha, o texto. (Silva, 1995, p. 30)

Desde o início de minha formação acadêmica, portanto, aprendi que estar filiado a uma corrente teórica tem uma implicação que vai bem além da fé em um dizer pretensamente “verdadeiro”. A semiótica não se rende a promessas fáceis, tampouco adota um tom de denúncia apelativa sobre as mazelas do mundo. Analisar o discurso é sua vocação primeira e sua finalidade. Porém, para o bem e para o mal, a análise parte da forma e tem, na estrutura, seu ponto de partida. Compreender e divulgar o fato de que a semiótica de linha francesa se interessa por descortinar a vinculação ideológica do discurso é tarefa ainda necessária atualmente. Com efeito, um dos grandes Destinatadores do meu percurso “em busca do sentido” soube fazer isso, e, então, retomo as palavras de José Luiz Fiorin (2003, p. 51):

A semiótica alarga o conceito de texto e, dessa forma, pode integrar o dentro e o fora. Texto não é apenas o produto constituído, um enunciado que guarda marcas de sua enunciação, uma totalidade auto-suficiente, mas é também ato de enunciação efetuado em situação e nela produzindo sentido.

Por meio dessa citação de Fiorin e da reflexão de Ignácio Assis Silva, chego a outro “elo” que a meu ver caracteriza o grupo dos greimasianos, o fato de tomarmos o texto como objeto de análise e, por isso, nos colocarmos, academicamente, entre as teorias do texto e do discurso. Texto, para a semiótica, nasce da relação entre expressão e conteúdo. Isso nos permite operar com totalidades expressas pelos mais variados meios de expressão. Cabe ao semiótico analisar objetos manifestados por uma ou múltiplas linguagens e isso demanda um esforço para desenvolver metodologia capaz de explicar, entre outras coisas, como

essas linguagens se cruzam e que efeitos de sentido daí resultam. Esse interesse múltiplo e variado desafia e estimula, continuamente, um professor-pesquisador em semiótica que se vê sempre às voltas com a incompletude da teoria diante das exigências cada vez mais complexas e híbridas dos objetos contemporâneos.

Sémir Badir, ao retomar a noção de texto em Hjelmslev, chama a atenção para o dilema teoria/experiência: “A teoria não pode desde então ser determinada pelos dados da experiência, ainda que na experiência sejam esses dados que se querem atingir graças à teoria” (Badir, 2005, p. 2). Fatalmente interroga-se um semioticista, em 2018, como coletar e reunir dados? Como determinar a representatividade do *corpus*, conforme preconizado no *Dicionário de semiótica* (Greimas; Courtés, 2008)? Como determinar os limites de uma totalidade?

Os desdobramentos atuais da teoria têm apontado caminhos para responder a essas questões; no Brasil, encontram eco, especialmente, nos trabalhos de Fontanille, Zilberberg e Landowski. Essas pesquisas vêm demonstrando, cada uma a seu modo, que a semiótica lança sobre a enunciação um ponto de vista dinâmico, ao conceber o texto como uma unidade em movimento, resultante do equilíbrio entre retomadas e avanços, entre continuidades e discontinuidades. E fazem avançar a teoria em busca de uma “semiótica das situações” (Landowski, 2017, p. 170). Os trabalhos dos semioticistas revelaram, para retomar uma bela imagem de Bevidas e Lopes (2012, p. 34), que “as estruturas desceram às ruas” e:

ultimamente, estudos semióticos voltam-se para o circuito de relações intersubjetivas num escritório, numa sala de aula, num passeio ao parque, no uso do metrô, para a produção de sentido num gráfico científico da área médica ou astrofísica, a disposição semântica de uma vitrine de loja, um organograma de empresa, a construção das marcas e dos posicionamentos no mundo industrial e comercial, as formas de utilização dos telefones portáteis, as estratégias das novas mídias, e assim sucessivamente.

Fontanille (2008), ao apontar os interesses semióticos para um “além-texto”, como se faz na análise de obras arquitetônicas ou de objetos de designer, defende que é chegada a hora de a semiótica:

[...] assumir teoricamente essas múltiplas e necessárias pesquisas conduzidas fora do texto, pesquisas que se justificam na medida em que se submetem à coerção mínima de uma solidariedade entre expressão e conteúdo e não se constituem escapadas “fora da semiose” (Fontanille, 2008, p. 16).

Ao porpor uma semiótica das práticas, ele postula uma hierarquia composta por seis níveis, cujo percurso canônico vai dos *signos* às *formas de vida*, ampliando a pertinência da análise. Para Fontanille, as *formas de vida* constituem “[...] o campo de questionamento pertinente para que a semiótica possa desempenhar

hoje e amanhã seu papel dentro das ciências humanas e sociais” (Fontanille, 2015, p. 7). O autor propõe um tratamento formal para as experiências que se convertem em semióticas-objetos e tornam-se analisáveis, ao mesmo tempo que demonstra que a matéria (substância) evocada em um nível ganha contorno formal no nível superior. Ao conceber a divisão em níveis como um percurso gerativo, Fontanille recorre ao caráter descontínuo da análise e, simultaneamente, chama a atenção para as operações integrativas e a conversão entre níveis. Isso não é, evidentemente, um raciocínio totalmente novo, tampouco contradiz a metodologia semiótica, herdeira da noção de integração de Benveniste, que analisa o plano de conteúdo dos textos por meio do Percurso Gerativo de Sentido. Pelo contrário, a expansão da pertinência incorpora-se à análise e procura dar uma resposta satisfatória a questões como pressuposição, contexto e experiência subjacente, há muito problematizadas na teoria, considerando-as como pertencentes ao nível analítico hierarquicamente superior.

De acordo com o pensamento de Fontanille, a hierarquia entre os planos de imanência permite justamente uma segmentação da experiência, de modo a torná-la um objeto de conhecimento. Acredito que, ao operar com a segmentação e com a imanência, a pesquisa na “semiótica das práticas” desdobra as formulações de Greimas e leva adiante o projeto teórico, que prevê revisão e refinamento constante, e, ao mesmo tempo, coloca a semiótica a serviço das outras ciências humanas e sociais. Esse modo de fazer semiótica responde às demandas contemporâneas dos objetos a serem enfrentados pelas ciências humanas e sociais.

Landowski (2017), ao advogar em favor de uma semiótica das situações, afirma que “[...] se os textos interessam evidentemente aos semioticistas como todo mundo, nosso objeto de conhecimento próprio não é o texto: é o *sentido*” (p. 171, grifo do autor). Mais adiante, o fundador da sociosemiótica adverte: “O sentido como busca, e não o sentido como quase certeza” (p. 208). Essa ideia da busca, que já sabemos ser imperfeita, nos remete à ideia da passagem “da insignificância em direção ao sentido” (Greimas, 2002, p. 91). Estar sempre em busca dessa direção e ter como ponto de partida uma espécie de chão comum em Greimas e, a partir dele, representar o elo que nos une, uns e outros, em torno de um projeto teórico comum. ●

## Referências

Badir, Sémir  
2005. A noção de texto em Hjelmslev. *Cadernos de Semiótica Aplicada - CASA* [online], volume 3, número 2,

- Araraquara. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/casa/article/view/724/594>>.
- Barros, Diana Luz Pessoa de  
1990. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática.
- Beívidas, Waldir; Lopes, Ivã Carlos  
2012. Interdisciplinaridade: triagem e mistura na identidade da Semiótica. In: Portela, Jean Cristtus et al. *Semiótica: identidade e diálogos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 33-47.
- Fiorin, José Luiz  
2003. O projeto hjelmsleviano e a semiótica francesa. *Galáxia*, v.3, n. 5, p. 19-52. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1314>. Acesso: 11 de Jul 2017.
- Fontanille, Jacques  
2016. A semiótica hoje: avanços e perspectivas. *Estudos Semióticos*. [online], volume 12, número 2, São Paulo. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/127608>. Acesso em 25 maio 2017.
- Fontanille, Jacques  
2015. *Formes de Vie*. Bélgica: Presses universitaires de Liège.
- Fontanille, Jacques  
2008. *Práticas Semióticas*. In: Diniz, M. L. V. P.; Portela, J. C. (Org.). *Semiótica e Mídia*. Bauru: UNESP/FAAC, p.15-74.
- Floch, Jean-Marie  
2001. Alguns conceitos fundamentais em Semiótica geral. *Documentos do Centro de Pesquisas Sociosemióticas*. São Paulo: CPS.
- Floch, Jean-Marie  
1990. *Sous les signes, les stratégies*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Greimas, Algirdas Julien  
1976. *Semântica estrutural: pesquisa de método*. São Paulo: Cultrix.
- Greimas, Algirdas Julien  
1975. *Sobre o sentido*. Petrópolis: Vozes.
- Greimas, Algirdas Julien  
2002. *Da imperfeição*. São Paulo: Hacker.
- Greimas, Algirdas Julien  
2014. *Sobre o sentido II: ensaios semióticos*. São Paulo: Nankin: Edusp.
- Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph  
2008. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto.
- Hjelmslev, Louis  
1975. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva.
- Landowski, Eric  
2017. *Com Greimas: Interações Semióticas*. São Paulo: Estação das Letras e cores.
- Silva, Ignacio Assis  
1995. *Figurativização e metamorfose: o mito de Narciso*. São Paulo: Editora da UNESP.
- Teixeira, Lucia  
2014. A pesquisa em semiótica. In: Gonçalves, Adair Vieira; Góis, Marcos Lúcio de Sousa. (Orgs.). *Ciências da linguagem: o fazer científico*. 1ed. Campinas: Mercado de Letras. Volume 2, p. 223-248.

---

## Dados para indexação em língua estrangeira

---

Sousa, Silvia Maria de

A partir de Greimas: formação, trabalho et recherche en sémiotique

*Estudos Semióticos*, vol. 14, n. 1 (edição especial) (2018)

ISSN 1980-4016

---

**Résumé:** *Dans le cadre de l'hommage au centenaire de la naissance d'Algirdas Julien Greimas, le texte reprend le cours de formation, de performance et de recherche en sémiotique. En outre, il cherche à comprendre les conséquences de cette position dans la formation d'un profil de chercheur. L'exposition de ce parcours, réalisé à partir d'un point de vue où les choix et les événements sont revisités, s'accompagne d'une réflexion sur le cours de la théorie et sur une manière de concevoir les Études de Langage.*

**Mots-clés:** *Greimas ; sémiotique ; parcours projet théorique ;*

---

### Como citar este artigo

Sousa, Silvia Maria de. A partir de Greimas: formação, atuação e pesquisa em semiótica. *Estudos Semióticos*. [on-line], volume 14, n. 1 (edição especial). Editores convidados: Waldir Bevidas e Eliane Soares de Lima. São Paulo, março de 2018, p. 7-11. Disponível em: ( [www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse) ). Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento do artigo: 05/12/2017

Data de sua aprovação: 30/01/2018

---